ALOJAMENTO CONJUNTO: expectativas do pai com relação aos cuidados de sua mulher e filho[a]

Maria Luiza Soares SCHMIDT[b]
Ana Lúcia de Lourenzi BONILHA[c]

RESUMO

Estudo qualitativo, com pesquisa convergente-assistencial que teve como objetivo conhecer as expectativas do pai em relação aos cuidados de sua mulher e filho, pelos profissionais da saúde, no alojamento-conjunto. Participaram nove pais, em uma unidade de internação obstétrica de um hospital universitário de Porto Alegre, Brasil. Os achados do estudo mostraram as expectativas e o desejo do pai de ficar junto de sua família e participar deste momento que também é seu. Os dados alertam para que a equipe de saúde, inclua o pai nos cuidados no alojamento conjunto.

Descritores: alojamento conjunto; relações pai-filho; recém-nascido; paternidade; pais; cuidado pós-natal; enfermagem neonatal.

RESUMEN

Estudio cualitativo,con investigación convergente-assistencial que tuvo como objetivo conocer las expectativas del padre en relacion a los cuidados de su mujer y hijo, por el equipo de salud en el alojamiento conjunto. Participaron nueve padres,en una unidad de internacion obstétrica de un hospital universitário de Porto Alegre, Brasil. Las conclusiones del estudio mostraran las expectativas y el deseo del padre de estar junto a su familia y participar de ese momento que también es suyo. Los dados alertam para que el equipo de salud incluya el padre en los cuidados en el alojamiento conjunto.

Descriptores: *alojamiento conjunto; relaciones padre-hijo; recién nacido; paternidad; padres; atención posnatal; enfermería neonatal.*
Título: *Alojamiento conjunto: expectativas del padre con relación a los cuidados de su mujer e hijo*

ABSTRACT

Qualitative research with convergent approach kind with an objective to know the father's expectations regarding their participation women's and children's care for the health staff in the rooming-in. Nine fathers participate in the sample at the obstetric hospitalization unit of a university hospital in Porto Alegre, Brazil. The study finding showed his expectations and father's desire to stay together with his family and participate on that which is also his. The data warning for the health staff include the father in the cares on the rooming-in.

Descriptors: *rooming-in care; father-child relations; infant, newborn; paternity; parents; postnatal care; neonatal nursing.*
Title: *Rooming-in: father's expectations about the care of his woman and child*

---

[a] Esse artigo originou-se da dissertação de Mestrado Alojamento Conjunto: a inclusão do pai nos cuidados da mãe e do bebê, defendida em 2003, no Programa de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[b] Enfermeira assistencial da Unidade de Internação Obstétrica (UIO – 11º sul) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Mestre em Enfermagem.

[c] Enfermeira. Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Enfermagem.

Schmidt MLS,Bonilha ALL. Alojamiento conjunto: expectativas del padre com relación a los cuidados de su mujer e hijo [resumen]. Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre (RS) 2003 dez;24(3):316.

Schmidt MLS,Bonilha ALL. Rooming-in: father's expectations about the care of his woman and child [abstract]. Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre (RS) 2003 dez;24(3):316.

1 INTRODUÇÃO

Em nossa cultura os sinais de exclusão do pai do processo de parto e nascimento são muitos presentes, não somente em relação a sua esposa por desviar sua atenção para o filho quando este nasce, mas porque ela também se torna o centro da atenção de todas as outras pessoas. Ninguém pergunta ao pai como está se sentindo neste período de adaptação[1].

Há relato na literatura de que o tema paternidade foi relativamente esquecido pela teoria psicanalítica, havendo uma acentuação enfática do papel e da importância da mãe em detrimento do papel e da vivência do pai. Do mesmo modo é referido que o destaque para a importância da figura paterna desde a concepção, só aconteceu nos últimos anos[2].

A nossa cultura responsabiliza as mulheres pela criação dos filhos e a culpa quando alguma coisa dá errada. Embora se fale muito sobre maridos e mulheres compartilharem aulas de pré-natal e o parto, ainda não existe preparação dos homens para as tarefas muito mais complicadas e duradouras de criar os filhos[3]. É necessário reconhecer que os traços de exclusão persistem e têm raízes profundas em práticas culturais e históricas[4].

O homem foi afastado das suas emoções, medos, anseios pessoais e ternura da sua natureza humana para ser o super pai ausente. As mães assumiram a responsabilidade pelos cuidados e pela educação das crianças, mas no século XX, alguns pais "começaram a acordar desse pesadelo histórico e aparecem o novo homem e o novo pai"[5:32]. A segunda metade do século XX trouxe mudanças decisivas para a estrutura familiar. A mulher passou a assumir outros papéis além dos de esposa e mãe, acarretando uma nova configuração da maternidade e, conseqüentemente, uma nova configuração do exercício da paternidade na família do final do século XX[2].

A crescente predominância da família nuclear, afastada dos parentes, e a mudança na estrutura social, com a mulher trabalhando, cada vez mais, fora de casa, redefinem e enfatizam o papel participativo do pai, antes e depois do nascimento dos filhos[5].

Os novos arranjos familiares, conseqüência dos divórcios e reconstituições familiares, cada vez mais freqüentes em nossa sociedade, não comportam mais a simples reprodução dos antigos modelos para o exercício dos papéis de mãe e pai e devem provocar novos arranjos na configuração do exercício da maternidade e da paternidade[2].

A atitude emocional do pai na tríade familiar é significativa desde o momento da concepção e os laços afetivos podem se estabelecer desde cedo através do primeiro sorriso que o pai dirige ao bebê, ao embalá-lo com segurança e amor, ao dar-lhe banho. Como não possui o cordão umbilical, o pai precisa criar um vínculo tocando a criança, embalando ou limpando-a[5].

Para alguns autores o alojamento conjunto é a primeira fonte de aprendizagem supervisionada sobre o atendimento das necessidades do bebê[6]. Pode-se acrescentar aí o contato dos familiares e do pai com as transformações pelas quais a mulher está passando no puerpério, esclarecendo assim muitas dúvidas que poderão surgir[7].

Na prática profissional percebe-se que no dia-a-dia, em um alojamento conjunto de mães-bebês, o pai está presente e interessado no bem estar de sua mulher e filho, mas ainda é tratado como um membro qualquer da família, não sendo incluído, na maioria das vezes, nas orientações e cuidados de sua mulher e filho.

Diante das constatações anteriores surgiu a idéia de realizar este estudo para responder a seguinte questão: Quais as expectativas de participação do pai ao chegar ao alojamento conjunto com sua mulher e seu filho, em relação aos cuidados e orientações que passarão a receber durante toda a internação?

2 OBJETIVO

O estudo teve como objetivo conhecer as expectativas do pai em relação a sua participação nas orientações e cuidados de sua mulher e filho durante a internação no alojamento conjunto.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo convergente-assistencial, que seguiu a proposta de Trentini e Paim[8] e teve como campo de pesquisa a Unidade de Internação Obstétrica (UIO) de um hospital universitário de grande porte no município de Porto Alegre[d].

Os sujeitos foram selecionados através de uma amostra de conveniência na qual a inclusão destes aconteceu conforme eles foram se tornando disponíveis ou convenientes para a pesquisa[9].

O critério para determinar o número de participantes foi o de reincidência das informações, ou seja, quando as informações nada mais acrescentaram de novo e as respostas se tornaram repetitivas foi finalizada a coleta de dados.

Fizeram parte do estudo nove pais que receberam nomes fictícios para garantia do anonimato.

A coleta de dados foi iniciada após autorização do Grupo de Pesquisa e Pós Graduação do hospital e a autorização pelos pais através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido por eles assinado.

A coleta de dados foi realizada de março a junho de 2003. Os pais eram convidados a participar da pesquisa logo após sua chegada a UIO que é uma unidade aparte do Centro Obstétrico, e aqueles que aceitavam participar respondiam a uma entrevista semi-estruturada que era gravada pela pesquisadora.

[d] Neste trabalho apresentam-se os achados de um dos objetivos da pesquisa convergente-assistencial que se propôs a incluir o pai nos cuidados de sua mulher e do seu filho em um sistema de alojamento conjunto.

Para a análise dos dados adotou-se o método de análise de conteúdo temática[10] que revelou as expectativas dos pais que estão relatadas a seguir.

4 EXPECTATIVAS DO PAI AO CHEGAR NO ALOJAMENTO CONJUNTO COM SUA MULHER E FILHO

Quando os pais expressavam seu desejo de participar dos cuidados de sua mulher e filho, relatavam seus motivos, que variavam de acordo com as suas necessidades, bem como a possibilidade de encontrarem dificuldades. Nas entrevistas realizadas com os pais no momento da internação surgiram os temas: ficar junto para tomar conta da mulher e do filho; ficar junto para adquirir ou passar experiência; ficar junto como benefício para mãe/pai/bebê; dificuldades para a sua participação e poder incluir outro familiar nos cuidados. Estes temas serão apresentados a seguir.

4.1 Ficar junto para tomar conta da mulher e do filho

A idéia tradicional da nossa cultura é de que o homem deve cuidar de sua mulher e filhos, especialmente como provedor de bens materiais e segurança física, mas isto está começando a mudar, "garantir o sustento não basta"[5:107]. Alguns pais que participaram deste estudo relataram ser, o ato de cuidar de sua mulher e filho, de sua responsabilidade, mas ao ouvi-los percebe-se que não estão falando em termos de segurança financeira, apenas, mas como o provedor de cuidados no papel de pai. Um exemplo disso são as falas a seguir:

> *Vou procurar ser o mais atento possível, né? Porque a partir de quarta-feira, no caso, eu vou tomar bastante conta dela, a maior parte do tempo quem vai tomar conta dela sou eu, né?* (Roberto).

> *Eu quero participar. Não quero deixar assim, vamos dizer, assim só na condição dos outros. Eu quero participar. Se for vê o filho é meu né? (Risos) Eu quero participar, tanto (do cuidado) dela (mulher) como* (do cuidado) *dele* (bebê) (Roberto).

Outro pai foi enfático quando disse:

> *Gostaria de ficar junto* (Renato).

Demonstrando em seu modo de falar que pretendia ficar para tomar conta, cuidar. Diferente daquele que foi mais humilde na forma de colocar sua vontade:

> *Se eu puder fazer. O que for preciso, o que estiver ao meu alcance* [...] (Rafael).

A realização ou concretização das expectativas do pai em relação a sua inclusão nos cuidados de sua mulher e filho vai depender de suas experiências anteriores e da **permissão** que receberá, seja da equipe de saúde, da mãe ou da sociedade. As forças que historicamente têm trabalhado para excluírem o pai das vivências da gravidez e do parto, ainda são fortes e a mãe ainda exerce a função de "guarda de portão"[4:47]. Os ambientes hospitalares geram o sentimento de estarem "emprestando o bebê aos pais"[1:99]. Desta forma as maternidades podem colaborar para a manutenção da marginalização do pai[5] e assim os profissionais da saúde podem ajudar ou atrapalhar esta interação dependendo do tipo de assistência e rotinas estabelecidas nas instituições[5,11]. No caso de um dos pais participante do estudo, chamou a atenção uma observação que ele próprio fez quando perguntado sejá tinha experiência em cuidados com bebês. Ele disse:

> [...] *eu posso até errar alguma coisa assim, mas eu me esforço ao máximo pra eu poder cuidar, cuidar melhor!* (Rafael).

Só foi entendido o que ele queria dizer no dia da alta enquanto a pesquisadora conversava com sua mulher e ela disse que embora o marido a ajudasse bastante, tinha um certo receio de deixá-lo fazer os cuidados porque, com o filho mais velho ela achava que ele segurava com muita força e machucava-o. Este pai teria que se superar para receber a aprovação da mãe embora tivesse muita vontade de cuidar de seu filho. Na interação do pai com o seu filho, "o apego pai-filho é mediado pela atitude da mãe em relação ao papel do pai"[4:49]. Assim "a mãe é figura fundamental, promovendo ou dificultando o vínculo entre o pai e o bebê"[12:.243]. Em uma pesquisa realizada, a esposa foi vista como uma facilitadora na interação dos pais com os bebês[13].

4.2 Ficar junto para adquirir ou passar experiência

Embora a maioria dos casais desta pesquisa tivesse uma rede de apoio, apenas dois pais relataram que receberiam ajuda direta nos primeiros dias. O fato de raramente os casais fazerem uso de sua rede de apoio, tem intensificado o papel dos pais no desenvolvimento e na conservação das capacidades maternas. Por outro lado uma participação mais ativa enfatiza no homem as suas potencialidades para cuidar dos filhos[4,14].

O desejo de ficar junto de sua mulher e filho significa para alguns pais a chance do casal adquirir experiência como mostra a fala a seguir:

> *Gostaria de ficar o tempo que puder, pois nem eu nem ela temos experiência com bebê* (Antônio).

Ou como no caso do pai que já tinha um filho, mas não experiência de cuidá-lo:

> *Gostaria muito* (de ficar junto)*, eu queria aprender!* (Rubens).

O programa de orientações, iniciado no alojamento conjunto, pode ajudar a mãe de primeiro filho no seu desempenho ao cuidar

do bebê e sugere que a orientação envolva, se possível os membros da constelação familiar[7].

Os pais são similares às mães na competência e capacidade de interagir com os bebês. A sua sensibilidade ao comportamento e ritmo do bebê é idêntica a das mães[14]. Provavelmente a diferença está na nossa cultura que considera a mulher preparada para ser mãe só pelo fato de ser mulher. A confiança depositada na mãe facilita sua atuação, é esperado da mulher a responsabilidade pelos cuidados[15]. O homem, além de ter que vencer seus medos e inseguranças precisa vencer a falta de apoio e desaprovação da sociedade. Os homens têm necessidade de saber que não estão sozinhos em seus medos, eles raramente sentem-se competentes, até que tenham a chance de provar este papel. É preciso dar-lhes oportunidade para que possam sentir o lado excitante de serem pais[1].

Há o caso do pai que já tinha experiência, pois já havia cuidado de outros filhos e achava que poderia ter uma relação mais completa com este bebê.

> *Eu quero tá sempre em cima deles* (mulher e filho) *porque os outros* (filhos) *eu criei até os três anos, né? A mais nova, três anos. Não tive assim uma relação inteira com eles, mas sempre cuidei, dá banho, dá mama, mas este eu vou ficar o tempo* [...] (Renato).

Este pai passou a impressão de estar recebendo uma nova chance de ser um pai mais completo do que teria sido com os outros filhos. Há um estudo que demonstra a carência de um modelo para o tipo de paternagem que os pais desejavam desenvolver com seus filhos[12]. Talvez Renato quisesse aprimorar sua paternagem visto ser este seu quarto filho. E Rafael que estava disposto a participar para cuidar melhor.

Existe no nosso contexto, uma valorização da experiência de cuidar e a mulher é vista pelos homens e pela sociedade como a pessoa de referência para o cuidado[16].

4.3 Ficar junto como benefício para mãe/pai/bebê

Na expectativa dos pais, poder ficar junto com sua mulher e filho e receber orientações sobre os cuidados, traria benefícios para os três.

Nos resultados de uma pesquisa, participar junto com a esposa das rotinas do bebê, aprendendo sobre o filho, apareceu como um importante facilitador de conexão dos pais com os filhos[13].

Dois dos pais participantes referiram-se ao casal quando disseram:

> *Gostaria porque acho que ela vai se sentir mais segura também. Porque é uma situação nova e eu também quero estar junto, pra mim também vai ser bom* (Danilo).

> *Espero que seja o mais satisfatório possível! Que eu possa ficar um pouco mais para ajudar ela, pelo pós-operatório dela, que ela não faça muita força. Quando ela trocar o nenê que eu possa trocar* [...] *Eu quero a experiência, né? Eu espero que eu corresponda à altura, né?* (Rubens).

Existe uma nova consciência de que criar um filho é também papel do pai[1]. É o novo pai[5].

Outros pais fizeram referência a mulher e ao bebê quando perguntado se gostaria de ficar junto e participar dos cuidados:

> *Tudo que for possível da minha parte, tanto para o bem dela e do nenê eu estou a disposição* (Gustavo).

> *Acho que espero o melhor possível. Ela bem atendida, ele também e eu também. Todo mundo tratado com carinho* [...] *Gostaria de favorecer o tempo dela* (Paulo).

O contato do pai com o bebê deve ser precoce e longo no hospital. O hospital é o local onde o apego é inicialmente formado e onde ocorre o aprendizado entre mãe e bebê e do qual o pai acaba sendo excluído. Desta forma o período pós-parto é o período sensível para o processo de vinculação[17].

4.4 Dificuldades para a sua participação

Há entre os pais expectativas de encontrar dificuldades para a sua participação, sejam de ordem institucional ou por dificuldades impostas pelos papéis sociais e de ordem pessoal.

Todos os pais chegavam ao alojamento conjunto, após o nascimento de seu filho, com dúvidas quanto a sua permanência, horários para visitas, se seria permitido a entrada de crianças, pois sabiam que as instituições têm regras e que muitas vezes já tiveram que enfrentá-las.

> [...] *as pessoas me falavam muito bem daqui, mas eu não sabia como seria a participação, se poderia ficar com ela ou não poderia, então eu vim na dúvida* [...] (Flávio).

Os pais ficavam visivelmente aliviados quando eram informados sobre os cartões de visita e a permissão para entrada de crianças. Sabe-se que normas e rotinas são necessárias para o funcionamento de uma instituição, mas elas devem ser revisadas e cada situação precisa ser avaliada com bom senso.

Os pais relataram outras dificuldades durante a pesquisa. Preocupavam-se com o filho mais velho que ficou sob sua responsabilidade:

> *Eu tenho o outro lá! Tenho que ir no colégio* [...] *O outro é muito agarrado. Tenho que dar atenção agora pra ele!* (Paulo).

Há referências de que pouco se sabe sobre as preocupações dos homens que se tornam pais pela segunda ou mais vezes. Além das preocupações financeiras e da formação da família precisam pensar em como vão lidar com os filhos mais velhos[17]. Flávio e Rubens também se preocuparam com o filho mais velho, embora estivessem com os avós, tinham interesse em saber se poderiam trazê-los. Rubens contou que desde recém-nascido é ele que faz o filho mais velho dormir sobre um de seus braços e que são muito apegados.

Os pais proporcionam uma base segura para os outros filhos enquanto as mães estão afastadas, enfatizando assim a importância do papel do pai na experiência do filho mais velho[17]. Este afastamento da mãe enquanto estiver hospitalizada, pode servir para aproximar o pai de seus filhos já que passa a ter suas responsabilidades aumentadas em relação a eles.

As expectativas de encontrar dificuldades podem ser tão grandes que o pai não consegue se programar em relação a sua participa-ção direta com sua mulher e filho:

> [...] *e esperava mais burocracia, um pouco mais demorado, até um pouco mais de dificuldades, talvez no parto, mas não, foi bem rápido. Até não tinha pensado tanto nisso* (comentando sua expectativa em relação a participar dos cuidados da mulher e filho) (Danilo).

A gravidez, o parto e o puerpério não existem como fenômenos isolados, fazem parte do denominado processo de maternidade e paternidade e nessa fase o que mais deve importar é a relação que a mãe e o pai estabelecem com o filho[18]. Mais uma vez é importante salientar que o envolvimento do pai deve ser estimulado desde a gestação. Procurar saber suas dúvidas e preocupações desde cedo ajudará a aliviá-lo para programar-se para o puerpério. As orientações a respeito das vivências do puerpério devem fazer parte dos programas de assistência pré-natal, adaptados para que o pai e outros familiares possam

participar[19]. Há um estudo em que os pais manifestaram satisfação em poder falar sobre seus sentimentos, suas dúvidas e suas experiências, queixando-se das poucas oportunidades para tal[13].

Um dos pais, inicialmente, tinha dúvidas de sua capacidade e perguntou:

> *Mas será que eu consigo cuidar o bebê? Eu tenho medo de machucá-la, trocar roupa, dar banho. Tenho medo de quebrar alguma coisa, parece que vou deixar cair!* (Rubens).

Os pais podem não confiar em si mesmos e se preocupam com a possibilidade de machucar seu próprio filho[1]. O alojamento conjunto é o lugar e o momento de facilitar o aprendizado do pai e da mãe e, conseqüentemente, torná-los mais seguros. A possibilidade do pai permanecer no alojamento conjunto favorece o fortalecimento da interação pai-filho[20].

Este mesmo pai, durante a entrevista fez um pequeno desabafo:

> *A sociedade que a gente vive hoje é muito machista, acha que o serviço do homem é trazer o sustento pra dentro de casa e a mulher cuidar dos filhos* [...] D*a mesma maneira que a mulher pode trabalhar, ter os mesmos direitos de igualdade do homem eu acho que o homem pode trocar a fralda do nenê, dar banho no nenê, amamentar o nenê. Eu acho que é por aí!* (Rubens).

Vemos aqui o novo pai, falando sobre seu direito de ser pai e que lhe foi negado por questões culturais durante muito tempo. Ele quer participar, quer usufruir o seu papel de pai[5]. Existe uma nova consciência de que criar um filho é papel também do pai, mas os homens que assumem tais responsabilidades não recebem apoio, "eles têm que ser mais homens do que nunca. Não têm ninguém para quem apelar"[1:29]. Os pais têm que fazer adaptações similares às da mãe, mas como os homens devem ser fortes e masculinos, parece ser sinal de fraqueza ceder aos próprios sentimentos.

4.5 Poder incluir outro familiar nos cuidados

Apenas três pais mencionaram a intenção de solicitar ajuda aos familiares. Um deles pretendia pedir ajuda na arrumação da casa e disse em tom de brincadeira:

> *Vou ter que ligar para alguém botar a casa em ordem* (Gustavo).

É farto nos resultados das pesquisas a participação das mulheres, principalmente das avós, nos cuidados da casa e da puérpera com seu recém nascido[7,6,12,13,21]. É importante que o pai possa contar com outras pessoas que o ajudem nas tarefas domésticas para aliviar a pressão sobre ele. Essa ajuda se torna mais importante quando tem outros filhos e quando o pai volta ao trabalho, e sua mulher e filho ficam em casa[17]. Só é preciso estar atento para que as pessoas, com sua boa vontade de ajudar e preconceito natural de nossa cultura, não tomem conta de todos os momentos que o pai poderia vivenciar com seu filho durante seus cuidados.

Outro pai queria saber se poderia deixar alguém no seu lugar, durante a hospitalização, nos momentos em que estivesse ausente por causa do trabalho:

> [...] *eu quero deixar a irmã dela, alguém aqui perto para entrar em contato, se puder me ligar!* (Antônio).

Extremamente importante como um redutor de ansiedade, tanto para o pai quanto para a mãe, é a presença de alguém em quem confiam ou têm afinidade. É recomendado que a mãe tenha um contato constante com seu marido ou com uma companhia escolhida, bem como de seus outros filhos[17]. Esta é uma medida perfeitamente viável e provavelmente adaptável a qualquer instituição.

Um dos pais deixaria a mulher e o filho na casa da sogra logo após a alta, mas não por sua vontade:

> [...] *porque ela vai para a casa da mãe dela, a mãe quer cuidar, depois ela vai pra casa* (Rubens).

Embora este pai tivesse direito à licença paternidade, não iria usufruí-la junto de sua mulher e filhos, ficariam afastados dele e provavelmente quando voltassem para casa ele já estivesse trabalhando. São situações ainda difíceis de contornar, principalmente quando a sociedade não dá apoio ao pai. Nessa situação o pai ia estar separado do seu filho nos primeiros dias de vida, período em que os laços afetivos são ainda mais consolidados[17].

5 CONSIDERACÕES FINAIS

O estudo mostrou o desejo do pai de ficar junto de sua família e participar deste momento que também é seu. O pai tem expectativa de tomar conta de sua mulher e filho, de adquirir experiência e de que sua presença possa trazer benefícios para ele, sua mulher e seu filho. Também espera poder incluir outros familiares nos cuidados de sua família. Contudo o pai espera encontrar dificuldades para sua participação nos cuidados de sua família enquanto estiverem internados no hospital.

No dia-a-dia de um alojamento conjunto é possível perceber que os pais estão presentes e, na medida que o casal recebe as orientações em conjunto, parecem sentirem-se mais seguros porque passam a possuir a mesma bagagem de conhecimentos.

O novo pai é este que está junto com sua mulher. Não é por acaso que ele está ali no alojamento conjunto. Muitos destes pais desejaram e se prepararam junto com sua mulher para receber este filho. Provavelmente a maioria deles não pôde comparecer as consultas do pré-natal ou participar do parto de seu filho, mas, estão ali, às vezes sem dormir porque passaram a noite aguardando o nascimento de seu filho e a recuperação de sua mulher, para então encontrá-los no alojamento conjunto. Este é o momento de incluí-lo, de desfazer as expectativas de dificuldades que eles trazem e de amenizar a separação que já enfrentou. Este é um bom momento, também, de incluir outros familiares e filhos.

A inclusão do pai nos cuidados da mãe e do bebê, além de atender ao direito do pai de permanecer com sua família, possibilita ao casal adquirir mais segurança, pois, um apoiará o outro.

Não parece que seja tão difícil proporcionar a educação e a prática para os futuros pais, pelo menos para aqueles que escolherem participar. Talvez todos queiram participar, mas para sabermos é preciso olhar para eles, lembrar do pai que está junto da mãe ou que ás vezes ficou na porta porque foi barrado pelas regras da instituição ou o preconceito das pessoas.

Cabe à equipe de saúde ajudar e permitir a participação destes pais que estão tentando melhorar sua relação com seus filhos ficando mais próximos deles e de suas mulheres num momento tão especial de suas vidas.

A equipe de enfermagem de um alojamento conjunto tem a possibilidade de contribuir positivamente na formação de cada família que por ali passa, através da inclusão do pai nos cuidados de sua mulher e filho e estimulando a presença e participação dos familiares. A equipe de enfermagem tem a chance de atuar como educadora, importante função e para a qual tem capacidade. Com isso, o pai e sua família ganharão e os profissionais desta equipe receberão como recompensa a certeza de ter participado de um momento tão importante na vida do ser humano.

REFERÊNCIAS

1 Brazelton TB. O desenvolvimento do apego: uma família em formação. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1988. 208 p.

2 Ramires VR. O exercício da paternidade hoje. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1997. 150 p.

3 Carter B, Mcgoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2ª ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1995. 510 p. il.

4 Brazelton TB, Cramer BG. As primeiras relações. São Paulo: Martins Fontes; 1992. 287 p.

5 Montgomery M. O novo pai. 5ª ed. São Paulo: Editora Gente; 1998. 150 p.

6 Maldonado MT, Dickstein J, Nahoum JC. Nós estamos grávidos. 10ª ed. São Paulo: Saraiva; 1997. 208 p. il.

7 Riesco MLG, Tsunechiro MA. A mãe primípara e o cuidado do filho após a alta hospitalar: problemas sentidos e evidenciados. Revista Paulista de Enfermagem, São Paulo 1990 jan/abr;1(9):8-10.

8 Trentini M, Paim L. Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis (SC): Editora da UFSC; 1999. 162 p.

9 Goldim JR. Manual de iniciação à pesquisa em saúde. 2ª ed. rev. e amp. Porto Alegre (RS): Dacasa; 2000. 180 p.

10 Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977; 236 p.

11 Gregório VRP. Cuidando do pai durante o processo de nascimento fundamentado na teoria transcultural de Leininger [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2002. 73 f.

12 Castoldi L. A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê [tese de Doutorado em Psicologia]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2002. 285 f.

13 Krob AD. A transição para a paternidade e a interação pai-bebê [dissertação de Mestrado em Psicologia]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1999. 105 f.

14 Rhode LA. A função paterna no desenvolvimento do bebê. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS) 1991 set/dez;3(13):127-35.

15 Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR. Gênero e Saúde. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1996. 156 p.

16 Bonilha ALL. Criança miúda: o cotidiano de cuidar no contexto familiar [tese de Doutorado]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1997. 150 f.

17 Klaus MH, Kennel JH. Pais/Bebê: a formação do apego. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1993. 360 p.

18 Ferrari DM. O puerpério, sua importância na formação da família. Fêmina, Rio de Janeiro 1994 out;10(22):508-18.

19 Medeiros CRG. As vivências da família no retorno ao lar com o primeiro filho [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Porto Alegre (RS): Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2001. 152 f.

20 Espirito Santo LC. O desejado e o vivido pelo pai durante o processo de parto e nascimento de seu bebê [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Porto Alegre (RS): Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2000. 151 f.

21 Boechs AE. Famílias vivenciando a chegada de um recém nascido. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 1992 abr/set;2/3(45):165-71.

Endereço da autora*/Author´s address:*
Ana Lúcia de Lourenzi Bonilha
Rua São Manoel, 963
90.620-110, Porto Alegre, RS
E-mail: bonilha@enf.ufrgs.br

Recebido em: 06/10/2003
Aprovado em: 05/12/2003